

## O CANDELABRO PERDIDO

Bruce McIver

Foi um dos maiores casamentos realizados em Wilshire. Quinze minutos antes do horário marcado para a cerimônia, o estacionamento da igreja estava lotado de carros, e urna multidão de convidados acotovelava-se no saguão, aguardando ser conduzida a seus lugares. Era o tipo de ocasião que agrada ao coração do pastor.

Mas ainda faltavam 15 minutos para o início da cerimônia.

Exatamente às 19 horas, as mães dos noivos se sentaram, e a organista deu os primeiros acordes triunfais da marcha nupcial. Era o sinal para que eu entrasse no templo pela porta lateral perto do púlpito e assumisse a direção do feliz evento. De repente, ouvi uma voz vinda do fundo do salão.

— Ainda não, pastor. Não abra a porta. Tenho um recado para o senhor.

Virei para trás e, sob a iluminação fraca, avistei a auxiliar da florista caminhando em minha direção o mais rápido que podia. Sua velocidade não bateu nenhum recorde. Por estar no oitavo mês de gravidez, ela sentia enorme dificuldade para atravessar o salão, andando pesadamente. Estava quase sem poder respirar quando finalmente se aproximou de mim.

— Pastor —ela disse, ofegante —, não encontramos o candelabro que o senhor deveria usar no encerramento da cerimônia. Procuramos por toda parte, e nada... O que vamos fazer? Percebi imediatamente que tínhamos um grande problema nas mãos. O casal de noivos solicitara que houvesse um candelabro na cerimônia nupcial. Havíamos ensaiado essa parte várias vezes —passo a passo. O candelabro, composto de três castiçais, deveria ser colocado perto do púlpito. As mães dos noivos seriam conduzidas à frente, cada uma portando uma vela acesa. A seguir, elas se dirigiriam até o candelabro e colocariam as velas nos castiçais laterais. No decorrer da cerimônia, as velas acesas pelas mães deveriam queimar-se lentamente. A vela do centro permaneceria apagada. Depois de proferidos os votos, a noiva e o noivo acenderiam a vela do centro. Esse gesto simbolizaria a união das duas famílias, bem como a luz do amor de Deus sobre o novo casal.

Gostei muito dessa parte quando a ensaiamos. Destaquei um versículo especial da Bíblia que planejava ler no momento em que os noivos acendessem a vela do centro. Tudo sairia perfeito.

Foi o que pensamos.

Os acordes vindos do órgão soavam cada vez mais alto, enquanto eu continuava no salão contíguo ao templo. Sabia que a organista deveria estar olhando por cima do ombro esquerdo, imaginando onde estaria o pastor.

— Não se preocupe — eu disse à perplexa florista. — Vamos "dar um jeito". Corto essa parte da cerimônia e improviso o final.

Após ter dito essas palavras, abri a porta, entrei no templo e, com um sorriso forçado, resmunguei baixinho:

— O que vou fazer agora?

O noivo e seus padrinhos acompanharam-me. A noiva surgiu na ala esquerda do templo. Quando a primeira dama de honra chegou à frente, ela cochichou alguma coisa para mim.

Meu olhar de perplexidade sinalizou que eu não havia entendido.

Ela cochichou novamente, abrindo bem a boca e enfatizando cada sílaba. Apesar do som da música, consegui entender pelos movimentos labiais que a moça estava dizendo:

– Vá em frente com a cerimônia do candelabro.

– Mas... como? – murmurei por entre os dentes e com o mesmo sorriso forçado.

– Vá em frente – ela cochichou, gesto.

A primeira parte do casamento transcorreu sem problema.

Todos estavam radiantes de alegria assistindo àquele feliz evento – todos, com exceção da dama de honra que me transmitiu o recado. Quando olhei em sua direção para saber se havia alguma novidade sobre o candelabro, ela estava impassível e com a boca fechada. Evidentemente, não havia nenhuma novidade.

Continuamos a cerimônia. Li uma passagem de 1 Coríntios 13 e enfatizei a importância do amor e da paciência para a edificação do casamento. Pedi aos noivos que dessem as mãos e comecei a falar dos votos que eles Fariam. Tudo transcorria perfeitamente. Eu estava começando a sentir-me melhor, mas ainda precisava encontrar uma maneira de encerrar o culto. No momento, contudo, a preocupação era com os votos e as alianças.

– John, você aceita esta mulher como sua legítima esposa e promete amá-la?...

– É a coisa mais engraçada que já vi – interrompeu a noiva, cochichando alto.

O noivo ficou embaraçado. Desviei a atenção para a noiva e vi que ela olhava firme para a sua direita, em direção ao órgão, que se encontrava na frente do templo. Não era só ela que olhava naquela direção. Os padrinhos e todos os convidados também! Mil olhos concentravam-se em urna figura movimentando-se à minha esquerda. Eu sabia que ela se movimentava, porque as cabeças e os olhos de todos a acompanhavam, como se fosse uma imagem em câmera lenta.

O alvo das atenções era a auxiliar da florista. Ela havia-se esgueirado pela porta ao lado do órgão e estava andando de gatinhas atrás da grade que separava o local reservado ao coro da igreja, dirigindo-se ao centro da plataforma onde eu me encontrava. A querida senhora, carregando uma criança no ventre, pensou que ninguém a veria através da grade. Mas seu traseiro estava à mostra, um pouco acima da grade. Ela segurava uma vela acesa em cada mão. Para piorar as coisas, ela não percebeu que sua silhueta – uma sombra grande, "grávida" e em movimento – se projetava na parede atrás do piso elevado, reservado ao coro.

Todos dentro da igreja passavam pela agonia de ter de reprimir uma gargalhada, tendo como válvula de escape lágrimas histéricas com que

sufocavam o riso, enquanto tentavam manter a compostura. Duas ou três madrinhas da noiva sacudiam o corpo com tanta força que as pétalas de seus buquês caíram no chão.

Para mim, foi um alívio quando os votos foram feitos e eu consegui dizer estas palavras em tom mais ou menos solene:

– Vamos curvar a cabeça e fechar os olhos para uma oração especial.

Este era o sinal para a solista cantar a "Oração do Senhor". Aproveitei o momento para olhar ao redor e ver o que estava acontecendo.

– Psiu! Psiu!

Virei um pouco a cabeça, olhei para baixo e vi uma vela acesa sendo empurrada através da folhagem atrás de mim.

– Pegue esta vela – disse a insistente florista.

A solista continuava a cantar: "...o pão nosso de cada dia dá-nos hoje..."

– Psiu! Agora pegue esta aqui – soou a voz atrás de mim, e uma segunda vela me foi passada através da folhagem.

".. assim como nós perdoamos aos nossos devedores..."

Eu estava começando a entender que atuaria como um candelabro humano. Lá estava eu, com uma vela em cada mão, e a Bíblia e as anotações enfiadas debaixo do braço.

– Onde está a terceira vela? – cochichei tentando fazer-me entender, enquanto a solista cantava: "...mas livrai-nos do mal..."

– Entre os meus joelhos – respondeu a florista. – Daqui a pouco, eu a entregarei ao senhor.

Foi então que a noiva explodiu em uma gargalhada. Vários padrinhos fizeram o mesmo. As últimas notas da "Oração do Senhor" foram abafadas pelos risos a meu redor.

Aquilo era demais para mim. Alguém teria de levar adiante a cerimônia e tentar concluí-la, com ou sem candelabro. Decidi que faria o possível para isso: equilibraria três velas, uma Bíblia e as anotações. Meu problema complicou-se, porque duas velas estavam acesas e, em breve, a terceira também estaria.

Eu enfrentava um verdadeiro dilema, do tipo que exige ação criativa – e imediata. Não havia nada no Manual do Pastor que mencionasse situação semelhante. Isso também nunca foi mencionado no seminário como atribuição de um pastor. Eu devia agir por conta própria.

Entreguei uma vela à noiva. Ela ria tanto que as lágrimas escorriam por seu rosto. Entreguei a outra ao noivo, que estava começando a questionar tudo o que eu lhe dissera no ensaio a respeito da cerimônia. Minhas afirmações do tipo "não haverá nenhum problema", "vamos realizar a cerimônia sem nenhum contratempo e "relaxe e confie em mim" pareciam ter caído no vazio.

Eu segurava a última vela. Os noivos deveriam acendê-la ao mesmo tempo, com as velas que tinham nas mãos. Milagrosamente, conseguimos concluir aquela parte, apesar das mãos trêmulas e das lágrimas provocadas por risos contidos. Agora havia três velas acesas.

Com voz suave e tranquilizadora, sussurrei:

– Está ótimo. Agora, cada um de vocês deve soprar sua vela.

Meu Deus, pensei, apesar de tudo, vamos conseguir chegar ao fim.

Aquele pensamento veio à minha mente segundos antes de a noiva, ainda descontrolada pelo riso, aproximar a vela da boca para soprá-la, esquecendo-se de que estava usando um véu de náilon sobre o rosto.

Puf!

O véu transformou-se em fumaça e quase desintegrou-se.

Felizmente, a noiva não sofreu queimaduras.

Apenas alguns fios da sobancelha foram atingidos.

Através do buraco formado pelo que sobrou do véu, ela lançou-me um olhar de espanto. Eu não tinha mais o que dizer para tranquilizar a noiva, o noivo e ninguém mais. Basta!, pensei.

Desprezando minhas anotações a respeito da conclusão da cerimônia, peguei as três velas e as soprei. Depois, olhando através da fumaça das velas apagadas, fiz um sinal à organista para tocar a música de saída... já! Vamos sair daqui! Rápido!

O que aconteceu em seguida não passa de uma vaga lembrança em minha mente.

Mas eu ainda empalideço quando um casal de noivos comenta sobre a "maravilhosa ideia de usar um candelabro" na cerimônia.